

Personalidades



NATÁLIA
CORREIA

NATÁLIA CORREIA- Natália de Oliveira Correia-, nasceu na freguesia de Fajã de Baixo na cidade de Ponta Delgada, a 13 de Setembro de 1923. Os primeiros onze anos de vida foram vividos em S. Miguel, guardando desse tempo memórias que haveriam de inaugurar uma relação endógena e filial com a ilha natal e constituir um universo subtextual de indispensável análise na sua obra: os mistérios e os segredos da ilha vulcânica rodeada pelo mar imenso, a educação centrada na mãe, a professora e escritora Maria José de Oliveira- uma vez que o pai emigrou para o Brasil em 1939-, o universo fraterno e simbólico das Festas do Espírito Santo, o banco de Antero de Quental, na Praça 5 de Outubro, onde haveria de sentar-se e sonhar com a poesia ou as palavras que habitam para lá do pensamento, conforme viria a escrever.

A partida para Lisboa em 1934, onde viveu até ao final da vida, aproximou-a dos Açores, sobretudo a partir da morte da mãe, em 1956, devolvendo-lhe a saudade que cristalizaria no texto literário, necessariamente carregado de poesia: (...) Porque perder a mãe é dispor de uma ilha, um ramo de incendiadas hortênsias, dando por todos os lados para o indizível e ter uma ilha é possuir um objeto imaculado pela distância, a nata de uma criança infinitamente chamada pelas ondas a esvaziar-se pela boca cantante com que assombremos as vírgulas adultas dos lugares que habitamos. (...). Já em 1946, um ano após a publicação do romance infantil *As Aventuras de um Pequeno Herói*, Natália Correia iniciaria 52 anos de vida literária com marcas indeléveis da ilha-centro materno agregador, que a transportaria à Terra Mãe.

A maior parte da obra literária de Natália Correia, repartida por poesia, texto dramático, romance, conto, diário, crónica e ensaio, foi escrita durante a ditadura do Estado Novo e do marcelismo. Apesar de muitos dos seus livros terem sido apreendidos pela censura, e apesar de ter sido julgada em Tribunal, resistiu ao fascismo, praticando a liberdade na alteridade do texto literário e na defesa pública da democracia. A literatura surgia-lhe como chão livre e libertador, impondo a necessária síntese reconciliatória, impossível no contexto das antinomias históricas. E era lá, no acto criador, que libertava o ser humano de todas as formas de opressão e de repressão, indicando o amor-armistício enquanto itinerário fundamental à queda de todas as antíteses. Devoradora do conhecimento e sequiosa de sabedoria, lia e relia o seu tempo dominado pelo ódio, pela guerra, pela ganância, pela corrupção, a que se juntavam os limites naturais do processo histórico, que rasgava na rêverie poética apaziguadora, divinizante, eternizante. E escrevia que o acto criador lhe permitia a desocultação da totalidade humana, ao questionar o mundo e a função interventiva e transformadora da literatura.

Absolutamente livre e liberta dos dogmas e dos cânones, estudou os géneros literários e as correntes de pensamento, criando uma voz pessoal, inevitavelmente romântica, com tudo o que o romantismo agrega, antes e depois do seu tempo. E nessa voz pessoal inscreveu o seu manifesto ou a apologia do ser humano enquanto princípio e fim do acto criador. Para isso, leu e estudou as culturas e as civilizações, as religiões e as outras crenças, os sistemas linguísticos, exteriorizando sempre uma identidade ecuménica e eclética que a levaria a fazer a defesa de uma civilização euro-ibero-afro-asiática, onde a pátria/mátria, a língua, a religião, a etnia, o ideal político haveriam de chamar-se ser humano:

(...) não sirvo para revoluções. Estas, bem entendido, que desmoronam estruturas para as refazer com o mesmo cimento da gula do poder. Porque no que está por fazer, a abertura da psique humana à plenitude do ser, estou eu de alma inteira a acusar a história de nos ter escondido que todas as revoluções foram até hoje desnaturados exercícios da Verdadeira. (...)

No final da vida, completamente desencantada, conforme testemunham os seus textos, a ilha natal devolveu-lhe o apartamento, o sagrado, a peregrinação interior, a paz, o Amor divinizante, Avalon. E escreveu-a nesse universo polissémico. Magistralmente, em Sonetos Românticos, enfrentando, no acto criador, a Terra Mãe:

(...)

Ciosa Terra Mãe, vamos às contas:

já fria prata em meus cabelos cobras

E em estrago, em sânie e sombra afrontas

No corpo a imagem que te deve as sobras

(...)²

¹Natália Correia, Introdução à 3ª ed. de Epístola aos Iamitas(1ª ed., Lisboa, Publicação Dom Quixote, 1976) in CORREIA, Natália, Poesia Completa/ O Sol nas Noites e o Luar nos Dias, Ops. Cit., p. 413.

²Natália Correia, “NECESSÁRIO É SATISFAZER O OFÍCIO DAS TREVAS”, III, in CORREIA, Natália, SONETOS ROMÂNTICOS, LISBOA, Edições O Jornal, 1ª ed., 1990, p. 59.



Ilha no manso azul de mãe esperando.

Natália Correia, "MÃE ILHA", II,
in CORREIA, Natália, *SONETOS ROMÂNTICOS*,
LISBOA, Edições O Jornal, 1.ª ed., 1990, p. 24.

(...)

Sobrevoando uma orografia leitosa de nuvens, o Boeing 727 arrebatava-me implacavelmente para um mundo de fantasmas cuja proximidade me aperta o estômago como uma agonia. Na sua impecável assistência, as hospitaleiras aeromoças da TAP parecem adivinhar com seus cuidados a expectante angústia com que vertiginosamente desço o declive do regresso. Descer? Não. Vou desafiar os fantasmas da infância. Desafiar é crescer.

Uma gota de mel derramada num mar de chumbo. É Santa Maria. Quando a vislumbrávamos de longe, do Aterro, era sinal de chuva. Dizem que o Aterro já não existe. Quem roubou á minha infância esse observatório do impossível? Quem mais me teriam roubado? Levem-me tudo menos o banco de Antero. Foi nele que timidamente me achei diferente das outras crianças. Agora estou decidida a reivindicar as minhas fantásticas posses infantis. A casa da Rua dos Mercadores com tias que tinham nomes de flores açoitadas pelo vento que soprava a demência poética da avó. E no centro, a mãe, fazendo rir e chorar o piano negro e lustroso. Depressa, capitão deste navio aéreo! Faz voar a tua nave á velocidade do sangue que corre para a origem (...).

Natália Correia, "A insularidade do poeta",
in *Diário de Notícias*, 16 de Outubro de 1969.

Mãe Ilha

III

Foi isto outrora na ilha das fadas
Embrumada em hortênsias. Não sonhei.
Sobre as lagoas de águas encantadas
Dormiam os fetos e não havia lei.

As vacas nas colinas esfumadas
Ruminavam o eterno. Ali folguei
Na festa das crianças coroadas
Reinava o Amor e não havia Rei.

Dentro da música a casa repousava.
Minha mãe docemente penteava
Os meus cabelos e caíam pérolas.

Rumores longínquos da infância oclusa,
Que num desvão da alma ainda debruça
Uma varanda sobre um mar de auréolas

Natália Correia, "MÃE ILHA", III, in
CORREIA, Natália, SONETOS ROMÂNTICOS,
LISBOA, Edições O Jornal, 1ª ed., 1990, p. 25

Poema Posto em Saudade

Em Ilha verde e anilada
Por faturas de pastel,
Deu a criação morada
Ao Arcanjo São Miguel.

Que lânguida maravilha
De terra no mar deitada
Quando a luz enlaça a Ilha
Pela cintura delicada!

Matas silentes e lúcidas
Do bosque primordial.
Paz de pastos e poentes,
carmins que purpuram o mar.

Ponta Delgada brunida,
Engomadas ruas brancas.
No basalto endurecida,
Amável nas águas francas.

E, enfim, por rampas de vinhas,
Em Vila Franca do Céu
Místicas rochas marinhas
Em frente, um frade: O Ilhéu.

Natália Correia, "POEMA POSTO
EM SAUDADE", "INÉDITOS
1976/79", in CORREIA, Natália,
Poesia Completa, O Sol nas
Noites e o Luar nos Dias, Lisboa,
Publicações Dom Quixote, 2ª ed.,
2000, p. 434.

Início do percurso: Torre da Matriz



1 Torre da Igreja Matriz de São Sebastião, Ponta Delgada

(...)

Limão aceso na meia-noite
ilhada,
O relógio na Torre da Matriz
Põe o ponteiro na hora atraíçoa-
da
Da ilha que me deram e eu não
quis.

(...)

Natália Correia, "MÃE ILHA", I, in
CORREIA, Natália, SONETOS
ROMÂNTICOS, LISBOA, Edições O
Jornal, 1ª ed., 1990, p. 23

Subir a *Rua António José de Almeida*, entrar na *Rua Machado dos Santos* e subir a *Rua Carvalho Araújo*, mais conhecida como "*Rua do Colégio*". Aproveitar para visitar o *Jardim Antero de Quental*. Subir a *Avenida Gaspar Frutuoso* e virar à direita. Seguir sempre em frente, passando a *Rua de S. Gonçalo*. Entrar na *Rua das Laranjeiras* e virar à esquerda na *Rua Direita da Fajã de Baixo*: à esquerda, hoje com o número 37, fica a *casa solarenga onde nasceu Natália Correia*.

2 Jardim Antero de Quental



3 Casa onde nasceu Natália Correia

Ó casa de dois andares:
ao lado a horta, os pomares,
Ao meio a fonte a cantar
Uma canção pequenina.
Alguém que por ali passa
Ainda pode escutar
Esse cantar de menina?
(...)

Natália Correia, "V", in CORREIA,
Natália, RIO DE NUUVENS, LIVRO DE
POESIA DE NATÁLIA CORREIA,
prefácio de Campos de Figueiredo,
Coimbra, Livraria Editora, Lda., 1ªed.,
1947, pp. 16-17.



Reúno coisas comovidamente
Da mãe, o xaile azul, do namorado
Um beijo no Relvão, da avó
demente,
O anjo que cantava no telhado;
(...)

Natália Correia, "NA CÂMARA DE
REFLEXÃO onde a simulação é um
crime", IV", in CORREIA, Natália,
SONETOS ROMÂNTICOS, LISBOA,
Edições O Jornal, 1ª ed., 1990, p. 46.



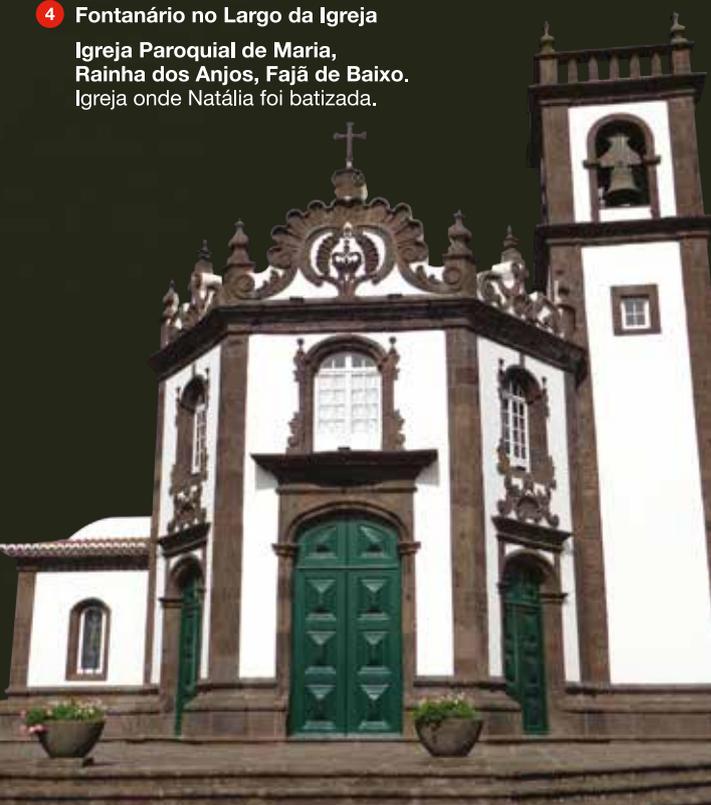
(...)
eu sou dos açores
(relativamente)
naquilo que tenho
de basalto e flores
(...)

Natália Correia, "O VINHO E A LIRA, 1966", " O DIÁRIO DE CYNIA, AUTÓGÊNESE", "INÉDITOS 1961/66", in CORREIA, Natália, Poesia Completa, O Sol nas Noites e o Luar nos Dias, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2ª ed., 2000, PP. 241-243.

Prosseguir até ao **Largo da Igreja**, onde está a **Igreja Paroquial de Maria, Rainha dos Anjos**.



4 Fontanário no Largo da Igreja
Igreja Paroquial de Maria,
Rainha dos Anjos, Fajã de Baixo.
Igreja onde Natália foi batizada.



(...)
Ilhas haverá muitas, letras de um dúbio beija-flor salpicando o mapa como a realidade dividida em horas. Um geográfico fascínio de pistolas abandonadas em bancos públicos, numa violenta imposição das mãos magnéticas dos suicidas. Mas isso não é ilha, é habitar a ilha, subtraindo-a à sua pulsação de jóia trabalhada pelos dias inavegáveis do regresso. Por isso, com a cumplicidade do peso húmido da morta, eu digo que a rigor só há uma ilha, a única, a minha, meu mistério selado pelos arbustos altivos da desaparecida.

Ah! Não me digam o que é a ilha que a mãe é na flor da sua idade de mor ta atada na distância com uma cabeleira de pássaros fumegantes. Sabem-no todos os espinhos da minha garganta, todas as tochas da minha cabeça a arder no limiar do impossível.

(...)

Natália Correia, " A MOSCA ILUMINADA, 1972, in CORREIA, Natália, Poesia Completa, O Sol nas Noites e o Luar nos Dias, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2ª ed., 2000, p. 315.

(...)

Sibila, que era minha Mãe, mulher de antiquíssima carne e olhos futuros que em tardes de luz dormida no índigo das hortênsias me contava desvairadas histórias do tempo em que eu ia ser crescida e o mundo ia ser um lugar crime onde não podia estar mais ninguém. Suas palavras demoradas em lívidas profecias me indigitavam em nome que martelava com sábios avisos o formigueiro que ia gastar a Terra: Malthus.

(...)

CORREIA, Natália, Uma Estátua para Herodes, Lisboa, ed. Arcádia, 1ªed., 1974, p.7.

(...)

O ambiente em que fui criada muito conta para a dimensão que se vai afirmando no meu percurso poético. Aí, como sabem, impera o culto do Espírito Santo.

(...)

CORREIA, Natália, Minha Biografia, manuscrito inédito, editado por Ângela Almeida, Espólio de Natália Correia: Secção de Reservados da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada.

Fazer o mesmo caminho no regresso à Torre da Matriz.

- 1923** **13 de Setembro:** Na freguesia de Fajã de Baixo, cidade de Ponta Delgada, nasce NATÁLIA de Oliveira CORREIA.
-
- 1929** O pai emigra para o Brasil. Natália e a irmã, Carmen, dois anos mais velha, são alunas da mãe, a professora Maria José Oliveira.
-
- 1934** Frequenta o Liceu Antero de Quental.
A mãe pede transferência para Lisboa, para onde se muda com as filhas.
-
- 1935** Frequenta o 1º ano do Curso Geral do Liceu, no Liceu Filipa de Lencastre.
-
- 1936** Conclui o 2º ano do Curso Geral do Liceu.
-
- 1938** Maria José de Oliveira cria um colégio particular, onde Natália prossegue os estudos.
-
- 1942** Casa com Álvaro dos Santos Dias Pereira.
-
- 1944** É jornalista na Rádio Clube Português.
-
- 1945** Publica o primeiro livro, *As Aventuras de Um Pequeno Herói* (romance infantil). Escreve para o jornal Portugal, Madeira e Açores. Assina as listas da MUD-Movimento de Unidade Democrática.
-
- 1946** **7 De Abril:** No jornal Portugal, Madeira e Açores, publica o primeiro poema, um soneto, "Manhã Cinzenta". Publica *Anoiteceu no Bairro* (romance).
-
- 1947** Publica *Rio de Nuvens* (poesia). Colabora no semanário Sol.
-
- 1948** Colabora no semanário Sol.
-
- 1949** Colabora no semanário Sol.
Apoia a candidatura de Norton de Matos à Presidência da República. Casa com William Creighton Hylan . A irmã Cármen emigra para o Brasil.
-
- 1950** Casa com Alfredo Machado.
-
- 1951** Publica *Descobri que era Europeia* (livro de viagem).
-
- 1952** Com Manuel de Lima, escreve *Sucubina ou a Teoria do Chapéu* (texto dramático). A mãe de Natália Correia emigra para o Brasil.
-
- 1953** Aluga o 5º andar do nº 52, na Rua Rodrigues Sampaio, para onde se muda e fixa residência até ao termo da sua vida.
-
- 1955** Casa com Alfredo Machado.
-
- 1951** Publica *Descobri que era Europeia* (livro de viagem).
-
- 1952** Com Manuel de Lima, escreve *Sucubina ou a Teoria do Chapéu* (texto dramático). A mãe de Natália Correia emigra para o Brasil.
-
- 1953** Aluga o 5º andar do nº 52, na Rua Rodrigues Sampaio, para onde se muda e fixa residência até ao termo da sua vida.
-
- 1955** Publica *Poemas*. *Huis-Clos*, de Jean-Paul Sartre, traduzido por Natália Correia, é estreado clandestinamente na casa da poetisa.
-
- 1956** No Brasil, morre a mãe de Natália Correia.
-
- 1957** Publicação de *O Progresso de Édipo* (poema dramático) e de *Dimensão Encontrada* (poesia), que dedica à memória da mãe. Escreve *D. João e Julieta* (texto dramático).Brasil.

- 1958** Publica Passaporte (poesia) e Poesia de Arte e Realismo Poético (ensaio). Com Manuel de Lima, escreve Dois Reis e um Sono (texto dramático). Apoiar a candidatura de Humberto Delgado à Presidência da República. Visita o norte de África.
-
- 1959** Publica Comunicação (poema dramático), que é apreendido pela censura. Traduz Wozzeck, de Buchner.
-
- 1961** Publica Cântico do País Emerso (poesia), que é apreendido pela censura.
-
- 1962** Publica A questão académica de 1907 (ensaio).
-
- 1965** Publica O Homúnculo (texto dramático), que é apreendido pela censura. Visita Itália.
-
- 1966** Publica O Vinho e a Lira (poesia) e Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica: dos cancioneros medievais à actualidade : as publicações são apreendidas pela censura.
-
- 1967** Escreve A Pécora (texto dramático): a publicação é proibida pela censura. Traduz Peribanez e O Comendador de Ocanã, O Cachorro de Hortelão, Fuenteovejuna, de Lope de Veja. Visita a Checoslováquia e a Hungria.
-
- 1968** Publica Mátria (poesia), A Madona (romance) e a série "O poeta e o mundo" no jornal Diário de Notícias. Visita Sevilha, Córdova e Granada.
-
- 1969** Publica O Encoberto (texto dramático), cuja circulação é proibida pela censura. Colabora na revista Notícia e no jornal Diário de Notícias. Visita a ilha de S. Miguel.
-
- 1970** Publica As Maças de Orestes (poesia) e as antologias Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses e Trovas de D. Dinis. Escreve Em nome da paz (libreto). Colabora na revista Notícia. É julgada no Tribunal da Boa— Hora pela publicação da Antologia Portuguesa de Poesia Erótica e Satírica: dos cancioneros medievais à actualidade. É condenada a 3 anos de pena suspensa e a 90 dias de prisão correcional, substituídos por multa.
-
- 1971** Com Isabel Meirelles, funda o bar Botequim, no Largo da Graça, nº 79, em Lisboa. É directora literária da Editora Estúdios Cor.
-
- 1972** Publica A Mosca Iluminada (poesia). Escreve o libreto da cantata Dom Garcia, inédito. Estreia em Viana do Castelo. É directora literária da Editora Estúdios Cor. Cármen, a irmã de Natália, visita-a em Lisboa. Visita os Estados Unidos da América.
-
- 1973** Publica O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro (poesia) e as antologias O Surrealismo na Poesia Portuguesa e A Mulher. Traduz o livro de Henri Michaux, Postes Angulaires. Abandona a direcção literária dos Estúdios Côr e é nomeada directora literária da Editora Arcádia. Viagem a Nice.
-
- 1974** Publica Uma Estátua para Herodes (ensaio). Escreve Romance de Dona Mariana e D. Carlos de Além- Mar (texto dramático) inédito. Colabora no jornal A Capital. Em Outubro, é expulsa da Editora Arcádia pelo proprietário da mesma, o fascista Licínio Ribeiro.
-
- 1975** Publica Poemas a Rebate (poesia). Visita a Alemanha Federal. Visita a ilha natal de São Miguel.
-
- 1976** Publica Epístola aos lamitas (poesia). É nomeada directora do jornal Século Hoje e da revista Vida Mundial. Cármen visita Natália.
-
- 1977** Recebe o prémio La Fleur de Laure. Assiste, na ilha natal de S. Miguel, à estreia nacional de O Encoberto.
-
- 1978** Publica Não Percas a Rosa, Diário e Algo Mais (diário), e traduz Platonov, de Tchecov. Visita os EUA e a Itália.
-
- 1979** Publica O Dilúvio e a Pomba (poesia). Acompanha, na ilha natal, as gravações do filme de sua autoria, Santo Antero, com realização de Dórcio Guimarães. É eleita deputada independente à Assembleia da República. Visita a Inglaterra.

- 1980** Integra a visita à Áustria do Presidente da República, General Ramalho Eanes, e recebe a Ordem de Mérito Austríaca.
-
- 1981** Publica Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente (texto dramático). É condecorada com a Ordem militar de Santiago de Espada, Grande-Oficial. É reeleita deputada à Assembleia da República. Visita S. Miguel.
-
- 1982** Publica Notas para uma Introdução às Cantigas de Escámo e de Mal Dizer Galego Portuguesas (ensaio), Antologia da Poesia do Período Barroco, A Ilha de San Nunca: Atlantismo e Insularidade na Poesia de António de Sousa (antologia). É deputada à Assembleia da República. Visita o México e a Alemanha Federal
-
- 1983** Publica A ilha de Circe (romance).
Publica A Pécora (texto dramático).
4 De Março: Assiste à estreia do filme Santo Antero em Ponta Delgada.
Visita os EUA.
-
- 1984** É deputada à Assembleia da República.
-
- 1985** Publica O Armistício (poesia). Grava a série televisiva, de sua autoria, Mátia.
-
- 1986** Grava Mátia. Escreve o “Hino dos Açores”. Visita a União Soviética e a Alemanha de Leste. É deputada à Assembleia da República.
-
- 1988** É deputada à Assembleia da República.
-
- 1989** Escreve Auto do Solstício do Inverno (texto dramático).
-
- 1991** Recebe o Grande Prémio de Poesia APE, pela publicação de Sonetos Românticos, em 1990. É condecorada com a Ordem da Liberdade, Grande Oficial.
-
- 1993** **16 de Março:** no raiar do dia, despede-se da vida.
Edição póstuma de Memória da Sombra (poesia), com fotografia de António Matos, e de O Sol nas Noites e o Luar nos Dias (poesia completa).
-
- 1999** Publicação póstuma de D. João e Julieta: rostos de Narciso.
-
- 2000** Publicação póstuma de Ibericidade na Dramaturgia Portuguesa (ensaio).
-
- 2003** Publicação de Breve História da Mulher e outros escritos (antologia com textos de imprensa)
-
- 2004** Publicação de. A Estrela de Cada Um (.antologia com textos de imprensa).
-
- 2013** Edição crítica de Sucubina ou a Teoria do Chapéu (texto dramático).

Início do percurso: Portas da Cidade

Entrar na **Avenida Infante D. Henrique** e virar à esquerda. Seguir em direção à vila de **Lagoa**, pela **Estrada Regional n.º 1, 1.ª**. Entrar na vila de Lagoa e continuar sempre na **Estrada Regional**, passando pela freguesia de **Santa Cruz**. Continuar em frente até terminar a **Estrada Regional n.º 1, 1.ª**, e subir a **Estrada Regional n.º 5 de 2.ª** até à **Lagoa do Fogo**, conforme placa informativa. Já na descida para a costa norte, parar à direita no **miradouro sobre a lagoa**.

2 Lagoa do Fogo



Desenho inédito de Natália Correia, inserido no manuscrito de *Sucubina ou a Teoria do Chapéu*.

a poesia é a técnica mágica que o poeta veste para entrar no Templo dos mistérios que a alma guarda em seus recessos.

Natália Correia, manuscrito inédito: Espólio de Natália Correia, Secção de Reservados da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

Descer para a costa norte até à cidade de **Ribeira Grande**, continuando na **Estrada Regional n.º 5 de 2.ª**. Entrar na freguesia de **Conceição** para virar à direita na **Estrada Regional n.º 1 de 1.ª**. Seguir em frente e virar à direita para a via rápida. Seguir até virar na saída para **Furnas** e entrar na **Estrada Regional n.º 1 de 1.ª**. Seguir em frente e virar à esquerda para a **Avenida Victor Rodrigues**. No final desta avenida, virar à direita para a **Avenida Pereira Atayde** e seguir em frente, até à **Avenida Manuel de Arriaga**. Seguir esta avenida e entrar na **Rua das Caldeiras**.

(...) Desangustia-me, Mãe, sacerdotiza das ondas que marulham no centro da minha vida. Que a tua mão de vapor me leve, pelos caminhos destas belezas recônditas e abruptas de que és inesgotável guardiã mineral. Sigo-te. És a diáfana guia turística das peregrinações que mitigam minhas perenes saudades deste meu berço de largueza oceânica. Nos pastos divididos por novelões de hortênsias, os chocalhos das vacas tocam os sons que manam da fonte primordial. No fundo do abismo verde da cratera, quando Deus ordena aos seus nevoeiros que desvelem este prodígio do seu humor mais paradisíaco, um tremendo choque de iridescências azuis e esmeraldinas: a lagoa do Fogo arranca-nos as entranhas. É como se nascêssemos para a verdadeira vida que nos foi dada e que vendemos com mãos de proletários do nosso purgatório (...).

CORREIA, Natália, *Não Percas a Rosa/ Diário e algo mais* (25 de Abril de 1975 - 20 de Dezembro de 1975), Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1978, p. 288.

(...)
**Eram, nas Furnas, caldeiras
guelras que o vulcão abria.
Mas se enxofradas as sombras
em chumbo e cachão ferviam.**
(...)

Natália Correia, "O DILÚVIO E A POMBA, 1979", "SINGELINHA", "INÉDITOS 1976/79", in CORREIA, Natália, *Poesia Completa, O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2.ª ed., 2000 pp 437-442



3 Caldeiras das Furnas

Aprilis

Vinha do tempo da minha infância a fábula em que os homens falavam. Agora as suas vozes estavam sepultadas num silêncio que tinha o nome ciciado de fascismo.

Minha mãe dizia: «quando fores grande haverá um país...» E o país era onde estava a minha idade. E a minha idade era eu achar-me com toda a força dos ossos no centro da minha liberdade.

Dizendo-me isto, minha mãe pôs-me na voz luminosos objectos para espantar morcegos. Cantei quanto podiam meus pulmões carregar vendavais para sacudir as dormideiras dos tiranos. E onde as horas mordidas pelas algemas foram acre crescimento para a liberdade iluminaram-se as terras do sepulcro e era Abril e a fábula fez-se dia. Numa rubra fraternidade de cravos os homens saudaram a Revolução. Em golfadas de ouro cantei a Liberdade.

CORREIA, Natália (1976), *Epístola aos Iamitas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1.ª ed., 63 pp., p. 11.



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direção Regional da Cultura

Personalidades
Personalidades

ROTEIROS CULTURAIS DOS
AÇORES



NATÁLIA
CORREIA

produção e coordenação: Secretaria Regional da Educação e Cultura/ Direção Regional da Cultura/ 2015
direção científica e textos_ Angela Almeida
fotografia_ Rui Soares
conceção e impressão_ Bizex Projetos
capa_ Natália Correia, "Auto-Retrato", s.d., Museu Carlos Machado MCM 6913 (fotografia António F. Pacheco)
depósito legal_ 346745/12
© Secretaria Regional da Educação e Cultura/ Direção Regional da Cultura dos Açores, todos os direitos reservados

